

Risco-país menor beneficia ação de banco

Daniele Camba
De São Paulo

A queda acentuada do risco-país e do dólar, reflexos diretos da melhora dos fundamentos econômicos e da percepção do investidor externo com relação ao Brasil, abre espaço para a valorização de novos setores dentro da Bovespa. Aos poucos, os analistas começam a recomendar a troca de ações de empresas exportadoras, as grandes vedetes nos últimos dois anos, por papéis de setores mais sensíveis à queda do risco-país, como os bancos, e a provável recuperação do crescimento econômico, como siderurgia, papel e celulose e mais tarde varejo e consumo.

"Agora é a hora de ter ativos que aproveitam ao máximo a melhora de todos os indicadores do Brasil", diz Pedro Bastos, chefe de análise do Unibanco. Os bancos estão no grupo dos que mais rápido ganham com a queda do risco país. Com a baixa do risco cai também o custo de captação dos bancos no exterior. "São os primeiros papéis da Bolsa que o investidor estrangeiro compra", diz Bastos. Depois das teles e elétricas, os bancos têm o maior peso dentro da carteira recomendada do Unibanco, 20%. "Nunca aconselhamos uma exposição tão grande."

O setor bancário foi um dos que mais sofreu o ano passado com as incertezas eleitorais. O grande temor do mercado era que um futuro governo petista de alguma maneira taxasse os lucros dos bancos.

Passado esse medo, as ações dos principais bancos já se valorizaram, também pela melhora do cenário econômico. No entanto, a expectativa é de uma nova rodada de altas desses papéis uma vez que se espera que o risco Brasil continue caindo. O chefe de análise do Sudameris, José Cataldo, lembra que o aumento da taxa de juros Selic nos últimos meses deve ter um impacto positivo nos balanços dos bancos pelo efeito da marcação dos títulos públicos ao valor de mercado. "Os bancos terão bons resultados no primeiro semestre", diz Cataldo.

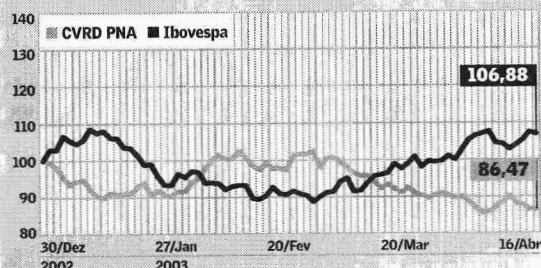
O cenário positivo para as instituições financeiras não pára por aí. Depois dessa onda de otimismo, será a vez dos bancos ganharem com o crescimento do crédito que deve ocorrer quando os juros caírem e o país realmente engatar o crescimento econômico.

Dança das cadeiras na Bovespa

Analistas recomendam sair de exportadoras e investir em setores sensíveis à queda do risco país

Vale do Rio Doce X Ibovespa

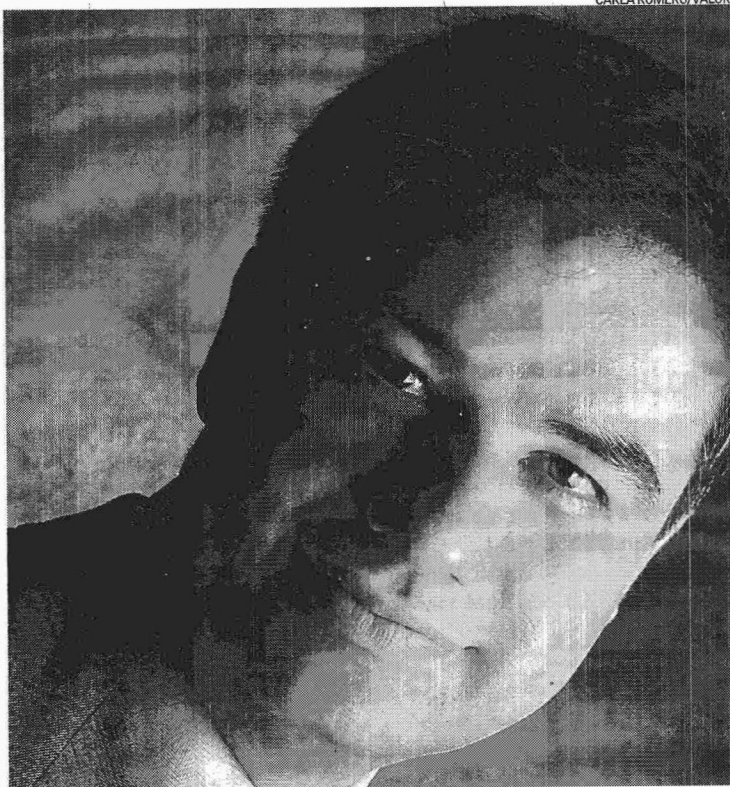
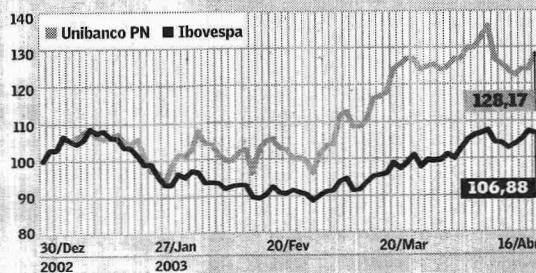
Índices = 100 em 30/12/02



Fonte: Bovespa, Economática e Valor Data.

Unibanco X Ibovespa

Índices = 100 em 30/12/02



CARLA ROMERO/VALOR

Bastos, do Unibanco, afirma que as ações do setor devem ter novas altas

Além dos bancos, outros setores ganham com a melhora dos fundamentos locais. Como em todo processo de possibilidade de crescimento econômico, num primeiro momento se beneficiam as empresas que fornecem matéria-prima para a produção de bens de consumo. Entre elas estão: siderurgia, papel e celulose e bens de capital (máquinas).

"Está na hora de tirar o foco das exportadoras, principalmente daquelas que já subiram muito, e olhar com atenção especial para esses setores", diz Luiz Caetano, chefe de análise do banco Brascan. Para ele, as expectativas das empresas de um crescimento nas vendas é sinal de que uma reação da economia deve realmente acontecer. As siderúrgi-

cas, por exemplo, projetam um aumento nas vendas de 5% este ano, contra 3%, em média, nos últimos cinco anos. Usiminas, Metalúrgica Gerdau e Belgo Mineira são algumas empresas que fornecem para o mercado interno.

Em uma segunda etapa da melhora interna as empresas mais ligadas ao crescimento econômico, como varejo e consumo, devem se beneficiar. No entanto, os analistas afirmam que ainda é cedo fazer apostas nesse tipo de papel. "O governo ainda está muito preocupado com a inflação e para isso não há mágica, a taxa de juros ainda precisa ser alta", diz Júlio Ziegelmann, da BankBoston Asset Management.

Alguns analistas também apos-

tam as fichas numa recuperação das ações de energia elétrica e telefonia por dois motivos: pela onda de valorização da Bovespa, que geralmente atinge primeiro as empresas com maior liquidez. Além do fato de que o governo precisa definir pontos importantes na vida desses dois setores. Nas teles, resolver sobre as condições para os novos contratos. Já nas elétricas as decisões são ainda mais importantes, uma vez que o governo está criando um novo modelo de funcionamento para o setor.

Na visão do chefe de análise do banco Pactual, Ricardo Kobayashi, levando em conta todas as atitudes de "bom senso" do novo governo no campo macroeconômico, são grandes as chances das definições nos setores regulados também serem positivas. Os primeiros sinais, segundo Kobayashi, já foram dados com a declaração do governo de que irá compensar as elétricas da diferença que pagaram para Itaipú, que subiu com a alta do dólar em 2002, e o que recebem do consumidor. "Isso já dá uma idéia de estabilidade regulatória", diz Kobayashi. Ziegelmann, do Boston, lembra que as elétricas também ganham com a queda do dólar pois são altamente endividadas na moeda americana. Outras empresas endividadas, como Klabin, Usiminas e Embratel, devem acompanhar esse movimento.

A chefe de análise da BES Securities, Mônica Araújo, lembra que pelas indefinições do setor e a situação delicada de endividamento de algumas empresas, os investimentos nas elétricas precisa ser bastante seletivo. Ela recomenda as ações da Copel, pela possibilidade de reestruturação positiva de alguns contratos, e as da Transmissão Paulista, por sua situação financeira confortável.